

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 95

SETXA-FEIRA 30 DE MAIO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

O melhoramento das raças bovina e suína deve occupar o primeiro lugar entre os serviços, que a sociedade agricola do districto pode prestar á agricultura. Estas especies de animaes, alem de produzirem bons adubos, que directa e immediatamente influem na producção da terra, são ambas necessarias para o sustento do homem; e a primeira indispensavel para os trabalhos agricolas.

A creação dos bois é a principal fonte de receita dos lavradores; os seus fundos experimentam a mesma vacillação, que o commercio destes animaes soffre nos mercados. Accresce a isto que é o districto de Aveiro aquelle, em que o gosto da creação dos bois é mais apurado, e portanto parece-nos, que a sociedade agricola, occupando-se do melhoramento da raça bovina e suína, não podia escolher objecto mais azado.

O meio mais facil e mais proprio para se obter este fim era, sem duvida, a escolha dos paes. A caudalaria da sociedade agricola deve, alem dos cavallos, que indicamos, ter paes convenientemente escolhidos das duas especies em questão.

Na escolha da raça bovina é preciso attender, a que estes animaes se criam com dois fins — o seu emprego nos trabalhos agricolas e na alimentação do homem.

Não é isto o que actualmente se vê em parte do districto de Aveiro. Prefere-se uma raça de bois muito delicada e com pouca voracidade, inconveniente portanto para ambos os fins de taes animaes. Apreciam-se umas pontas bem lançadas, julgam-se depreciados os que tem os dentes pintados, e attende-se a circumstancias, que só influem na belleza do animal.

Com esta fantazia cria-se no boi um valor de estimacão; valor sem razão de ser, e de que resultam inconvenientes graves, quando qualquer circumstancia fortuita vem alterar as condições de formosura do animal, embora sem importancia para os seus fins. O valor do boi deve estar em relação com a sua aptidão para o serrigo, com o seu peso e o preço da carne.

De accordo com estas ideias, o melhor typo do boi é sem duvida o dos chamados — areuquezes —.

Nas suas grossuras está a garantia da força, e combinada esta circumstancia com a sua voracidade, não poderemos duvidar da sua facil nutrição.

Estas ideias não de, com o progresso moral dos povos, ser facilmente abraçadas; hoje seria ocioso querer radical-as em intelligencias menos cultas, e é preciso transigir com opiniões pouco convenientes.

Este gosto pela formosura dos bois leva os nossos criadores a mandar vir da provincia de Traz-os-Montes os bezeros para crear. E' este commercio entre as duas provincias que se deve evitar. Grandes são os inconvenientes que elle ocasiona.

Com bons paes devemos necessariamente ter bezeros iguaes aos da serra, visto o esmero que hoje ha na escolha das vacas.

Sendo assim, para que se não de mandar vir de tão longe, comprados lá por preço tão elevado, e soffrendo elles tanto com a jornada? Nenhuma explicação tem este commercio prejudicial por tantas razões, a não se attribuir á ignorancia quasi geral dos nossos agricultores.

Deve notar-se de mais que o bom clima e fertilidade do solo neste districto são garantias sufficientes para crer que os bois nascidos e creados aqui, mas filhos de paes igualmente bons, devem ser meliores, por não soffrerem os estragos da jornada.

Os porcos, que actualmente se criam e engordam no districto, são em geral pessimos, e pela maior parte nascidos no districto de Coimbra. Os nascidos por aqui são de má qualidade, o que é, sem contradicta, devido aos maus paes.

Cuidar do melhoramento desta especie de animaes era uma cousa facil para a sociedade agricola, e ao mesmo tempo util para os creadores.

Sendo o porco unica e exclusivamente destinado á alimentação do homem, convem escolher para paes os que com o mesmo alimento adquiram mais peso.

Ha uma raça chamada do Alemtejo, que é de grande voracidade e facil nutrição; com tudo é pequena e por tanto inconveniente. Pode no entanto aproveitar-se esta propriedade escolhendo uma raça de grande corpo para o seu cruzamento. Os porcos da ilha de S. Miguel

creio que estão no caso, e o cruzamento com os do Alemtejo devem dar um meio termo no seu tamanho e facil nutrição muito para aproveitar.

Julgamos facil á sociedade agricola ampliar o seu estabelecimento de caudalaria e fazer-lhe as modificações que temos apontado; mas não é isso só que julgamos conveniente; queriamos que este estabelecimento se tornasse uma escola pratica de creação d'animaes.

Os cavallos da sociedade agricola estão confiados aos cuidados do nosso amigo Leite Ribeiro, e a sua gordura prova sufficientemente o seu esmero e applicação. Ha porem modificações convenientes, como instrucção agricola, de que se não deve prescindir.

O lançamento deve ser feito por um regulamento modelado pelas indicações de physiologia; as cavallariças deviam ter um pavimento impermiavel, com depositos para aproveitar as urinas, como um excellente adubo liquido; devia escolher-se o cavallo mais conveniente para certa egua; e em fim attender a todas as circumstancias que possam servir de instrucção para a classe agricola, de que tanto carece.

Qualquer exigencia que a sociedade agricola fizesse ao governo devia ser obtida. Quando tantos contos de reis se gastam no instituto agricola de Lisboa, não é muito gastar aqui alguma coisa, quando é certo que é no centro das operações agricolas, que as escolas praticas d'agricultura aproveitam e não na capital.

E' incrível o cynismo com que a camara municipal deste concelho procede no desempenho dos seus deveres. Parece que deseja obrigarnos a censuras repetidas para assim a taxar de apaixonadas.

N'um dos numeros passados narramos um facto acontecido com a camara, em que claramente se via a protecção que ella dispensa dos infraactores das posturas municipaes.

Esperavamos que este aviso fosse sufficiente, para que ella, presando a sua reputação, e acatando as vozes da opinião publica, se determinasse a fazer cumprir a lei, livrando os povos d'Eixo dos prejuizos, que lhes está causando a repressão das aguas em Taboira.

Nada disto aconteceu, e o que se tem passado depois, auctorisa-nos a aceitar as conclusões, que se tem tirado da falta da camara no dia 19.

A camara sabe bem, que a repressão das aguas em Taboira prejudica muito os povos d'Eixo, e que esta repressão é prohibida pelos accordãos municipaes; e tanto o sabe que mandou avisar os povos para procederem á sua abertura. Deve igualmente saber que os povos de Taboira, a quem convem a repressão, dizem que as anguias que lá apanham são offerta sufficiente para que a camara não cumpra o seu dever.

Sendo tudo isto tão claro e publico, é certo que a camara não appareceu no local no dia em que lá mandou reunir os povos, e que dois dias depois a tapagem da vala estava feita com muito maior segurança!!!

Pedimos á camara municipal deste concelho, que vele pelo cumprimento das posturas municipaes nas freguezias do seu concelho sem protecção facciosa ou accinte. Nisto está a sua reputação, que apreciamos deveras.

Conclusão do eloquentissimo discurso proferido pelo exm.º ministro da marinha, Mendes Leal, na camara electiva, em sessão de 9 do corrente, sobre a liberdade do ensino.

D'onde vem, d'onde pode vir a ideia da caridade? A caridade, como a definiu S. Paulo, como a definiu Clemente XIV, que era pontifice, e apesar de pontifice não lhe reconheceram a infallibilidade os que mais a encarecem; a caridade, como a entende S. Paulo e Clemente XIV, está exclusivamente subordinada, ou pode estar subordinada a uma formula, a uma obediencia disciplinar? Não. E' um movimento espontaneo, proprio da essencia do christianismo, e S. Paulo chamava-lhe a primeira de todas as virtudes. Entretanto, dizeis vós, ou daes pelo menos a entender — que não é virtude sem a disciplina. Não é assim; a caridade é a mais espontanea de todas as virtudes, esse é o seu caracter essencial. Tal disciplina tira metade do valor á virtude.

Em 1857 toda a nação portugueza era irmã de caridade, e não foram precisos estatutos,

nem regras, nem obediencia, porque toda a população do paiz e os poderes publicos corriam em auxilio da desgraça. Nessa mesma epocha iam os missionarios, que o illustre relator da comissão entende, como eu entendo, que tão uteis não de ser nas colonias, que não de salvar as colonias, e os principios; digo, iam para junto do leito do moribundo prestar-lhe o ultimo consolo, o derradeiro soccorro? Accorriam ao foco de infecção, expondo-se a um martyrio glorioso? Não; fugiram delle, e correram o reino espanhando o terror do contagio, em beneficio de uma propaganda religiosa.

Quando outro dia ouvi o illustre relator da comissão, esperava ver a secretaria do ministerio da marinha e do ultramar assediada desses homens piedosos que desejavam ir desbravar esses terrenos onde ainda não foi cultivado o evangelho, que desejavam ir semear a palavra de Deus entre essas populações rudes. Pois nem os vi, nem os viram os meus predecessores, porque esses missionarios actualmente estão missionando para a politica e não para a fé (apoiados).

Não vão aos climas inhospitos de Africa onde os seus serviços seriam tão uteis, tão convenientes e tão agradaveis a Deus; ali não apparecem. Onde apparecem é no meio dos impijos, dos hereges e dos selvagens a quem chamam portuguezes; desses mesmos que, segundo a expressão eloquente do illustre deputado, a quem estou respondendo, foram, devassando os mares, abrir as portas do Oriente e levar lá, juntamente com a espada de Afonso de Albuquerque, a cruz de S. Francisco Xavier. São estes hereges, estes selvagens que elles estão convertendo; mas entre aquelles que jazem nas trevas do paganismo, na obscuridade da ignorancia, não apparecem elles! (Apoiados.)

Peço á camara a sua particular attenção para estes livrinhos (o orador mostrou dois pequenos livros), que ligam muito particularmente com o assumpto que se discute, e que mais particularmente ainda são prova de que a reacção está cá, e cá muito dentro (apoiados).

Estes livros provém exactamente desses missionarios a quem me tenho referido. (Vozes: — Oçam, oçam!) Este tem o titulo — A verdade sem reboço. De maneira que até aqui a verdade precisava de reboço; agora já é sem reboço! (Riso.)

E' escripto pelo padre José Joaquim da Fonseca Mattos. Diz elle, fallando de um dos missionarios que então percorriam as nossas provincias do norte;

«O padre Joaquim de Bagunte tem tido boa parte em quasi todas as missões do Alto Minho, e tem sido um dos nossos missionarios que mais efficaçamente tem trabalhado para a tão desejada, e não sei por causa de que demoras, tão demorada introdução das incomparaveis irmãs de caridade.»

Já se vê pois que não eram só as senhoras directoras da associação de Nossa Senhora dos Afflictos que desejavam as irmãs de caridade; o padre Joaquim de Bagunte já em 1857 missionava no Minho a favor d'ellas (apoiados).

E diz uma nota do livro o seguinte: «Com alegria sabemos, pela leitura do excellent journal religioso de Lisboa o Bem Publico, que já chegaram á nossa infeliz capital seis irmãs de caridade. São poucas, mas assim se começa.»

Mas assim se começa! E é verdade. Assim se começou violando as clausulas expressas com que tinham sido admittidas, e collocando-se em rebellião aberta com as leis, estado que nenhum governo póde nem deve tolerar (muitos apoiados).

Diz mais este mesmo padre: «Têm-se notado muitas acções virtuosas e mudanças para melhor em bastantes pessoas, dando no olho, principalmente, a conversão sincera e maravilhosa de algumas mulheres do mundo, até ahí desgraçadas e agora felizes, devidas aos esforços apostolicos dos missionarios.

«O que lamentamos é não ter entre nós algumas d'estas instituições caridosas, e tambem eminentemente philanthropicas, se quizerem, onde segurar e tornar uteis para a sociedade estas peccadoras convertidas que, se não fosse sua vida operada pela religião, iam concorrendo para mais a corromper. Ora Deus nos acuda, e suscite algumas almas privilegiadas, e em circumstancias de concorrer para a obra de Deus felicitando a humanidade!»

E quem são os benefiteiros da humanidade? Dil-o elle n'outra parte do seu livro.

«Quereis saber quaes foram, e são ainda os benefiteiros da humanidade, porque a alliviarão em suas dores, porque a consolaram em suas misérias, porque enfim a amaram em Deus? Não vades procurar os entre os philanthropos estereotipados, nem entre os sabios orgulhosos do mundo, que não moram ahí; procurae-os no seio do catholicismo, e principalmente entre os fundadores, ou filhos das ordens religiosas, que prestes os encontrareis.»

Eis-aqui como gradualmente se passa das irmãs de caridade ás ordens religiosas! (Apoiados).

Aqui está outro livrinho, e ha mais, que eu não trouxe para não fatigar a camara.

O sr. Sant'Anna e Vasconcellos:—Leia, leia, que isso é bom.

O Orador:— Este já é mais claro; muito mais claro. Este chama-se o futuro das ordens religiosas em Portugal.

Vozes:— Oh, oh! Esse é bom.

O Orador:— Este diz o seguinte no prologo. E isto é uma advertencia a todos aquelles senhores que não se assistam com a propaganda, que entendem que não existe a reacção, que julgam que é uma cousa phantastica, um conto de Hoffman.

«Peço a todos os meus leitores, se os tiver, que façam chegar esta obra até ás ultimas camadas da sociedade, que a dêem aos seus filhos para lerem na escola, porque n'isto fazem serviço a Deus e á humanidade. Peço ao clero portuguez, a quem dedico este trabalho, que derrame esta obra por essa mocidade, ardente esperança da religião e da patria. Peço aos srs. parochos que a façam ler aos seus freguezes, aos meninos com especialidade, porque esses são os que hão de formar a futura geração...»

Porque esses são os que hão de formar a futura geração! (Apoiados). (Continuou a lêr).

«Esta leitura deve deixar-lhe uma suave impressão, de que devem recordar-se em todas as epochas da sua vida. Isto é uma semente preciosa, que ha de produzir optimos fructos quando o sol da justiça a vier a aquecer e vivificar. N'isto fazem um grande serviço ás sciencias, ao estado, á sociedade e á religião.»

Onde está o sol da justiça? Ainda não amanheceu o sol da justiça n'este paiz!

Noutra parte d'este livro lê-se ainda:

Vozes:— Oçam, oçam.

«Nos paizes mais civilisados, n'esses mesmos onde os prejuizos anti-religiosos têm lançado raizes mais profundas, nós vemos os pobres chamar com tanta confiança, como amor, esses irmãos da doutrina christã, cuja vida é inteiramente consagrada a dar aos filhos os elementos de uma instrucção unicamente fundada sobre a fé da igreja; nós vemos os enfermos abençoar a religião, que lhes envia, como anjos tutelares, essas irmãs de caridade, que não cessam de lhes prodigalisar sobre o seu leito de dor todos os cuidados e todas as consolações.»

Aqui temos um brado a favor das irmãs de caridade.

O sr. José Estevão:—Por um jesuita!

O Orador:—Vejamos agora como das irmãs de caridade passa já a mais.

«As ordens religiosas devem por certo germinar uma dia debaixo d'esta ou d'aquella forma; e este facto, que se tem realizado em muitos paizes, até naquelles que são mais abalados pelas tempestades revolucionarias, ha de vir a lume no catholico Portugal com mais extensão, força e rapidez que nas outras nações, logo que acabe o reino da força e comece um governo estavel e solido.»

Estavel e solido!

Vozes:— Isso, ah! ah!

O sr. Vaz Preto:— E' uma opinião como qualquer outra.

O Orador:— Pois eu não condemno essa opinião.

O sr. Vaz Preto:— Da discussão das opiniões oppostas é que se dá a verdade.

O Orador:— Faz-me favor de dizer que estou eu fazendo? Não estou discutindo essa opinião? O sr. deputado está no seu direito de defendel-a, e eu estou no meu direito de defender a minha (apoiados).

Estou mostrando as provas da propaganda. Quer o illustre deputado negar a importancia dessas provas?

O sr. Vaz Preto:— Não nego; faço só a observação de que é uma opinião como qualquer outra.

O Orador: — É uma opinião como qualquer outra, mas é exactamente uma opinião que se dizia que não existia, porque se negava que existisse a opinião da reacção. Pois cá está a opinião da reacção; neguem-a agora (apoiados).

Ha mais alguma cousa. Primeiro, irmãos de caridade, depois as ordens religiosas; agora é mais, é as ordens religiosas com todos os seus antigos bens!

Que interesse ha em conservar este abysmo profundo, que nos separa dos nossos antepassados? Que nos interessa manter essa espolição, que é um ultraje ás nossas crenças, uma feia mancha ás nossas mais bellas recordações, e que tem por effeito apresentar-nos nos olhos do mundo como um povo que se envergouha da sua fé, repudia as suas tradições, e que não parece ser esse mesmo povo que eternisara seu nome por sua adhesão aos dogmas, ás praticas e ás instituições da igreja?

Aqui está o grande argumento — invoca-se a fé catholica das ordens religiosas!... (Apoiados). É este um sophisma, que a igreja não pôde nem deve consentir, porque as ordens religiosas não são dogma nem nunca o foram (muitos apoiados). Podia defendel-as; podia glorifical-as, mas o que não podia nem devia dizer-se é — que as ordens religiosas são a fé (apoiados). Não leiu mais, porque não é preciso, e...
O sr. Sant'Anna e Vasconcellos: — Ha ali algum grito?

O Orador: — Ha: o grito levantado a favor da legitimidade, não sei de qual, nem quero saber.

O sr. Sant'Anna e Vasconcellos: — Basta.

O Orador: — Não serão valiosas estas provas? (Vozes:— São, nem é preciso mais.) Não quererão estas palavras dizer, que existe entre nós uma opinião em favor da reacção? (Apoiados continuados.) Quem o negar está no caso d'aquellos cegos de que fallou o sr. Ferrer, que não vêem porque não querem ver, e estes são os piores (apoiados).

(Interrupção que não se ouviu.)

O Orador: — Não é a lei das rollas é a liberdade. Quem falla ali na lei das rollas? Onde está a lei das rollas? Será nos homens que querem supprimir toda a liberdade, ou n'aquelles que querem prevenir para que ella não acabe? (Muitos apoiados.) O parlamento tem o direito e pôde decidir se quer ou não admitir as ordens religiosas no ensino; portanto não ha lei das rollas. Levantem-se e tejam a coragem de dizer francamente o seu voto (apoiados).

O sr. Pinto de Araujo: — Hão de dizelo, porque provavelmente a votação ha de ser nominal.

O Orador: — Que quer dizer o nobre deputado com isso?

O sr. Pinto de Araujo: — Que hei de exprimir o meu voto nominalmente, e não receio que se saiba qual elle é.

O Orador: — Hão de dizelo? Pois eu estou o dizendo, e hei de repeti-lo, e já que o nobre deputado me interrompeu, cumpre-me declarar-lhe que satisfiz a minha palavra. O nobre deputado ha de recordar-se, que falando acerca d'este objecto, por duas vezes se dirigiu ao governo, e lhe perguntou quem eram e onde estavam os reactionarios? N'essas occasiões lhe respondi — que tempo viria em que lhe mostraria quem eram; é o que acabo de pôr em pratica. Cumpri portanto a minha palavra, e agora espero que o nobre deputado cumpra a sua. (Vozes:— Muito bem.)

Agradeço ao nobre deputado o haver-me proporcionado esta occasião para recordar que já por duas votações numerosas esta camara manifestou que não queria abrir a porta ás congregações religiosas. Os que votaram n'este sentido, se quiserem, podem reconsiderar; mas o paiz ha de registrar esse procedimento, apesar do expediente de que lançou mão o illustre relator da commissão, pretendendo de algum modo justificar as reconsiderações. Pela minha parte não reconsidero; pelo contrario estou mais firme no meu posto (apoiados).

A camara está cansada e eu tambem, e tenho razão para o estar. Não preciso acrescentar mais nada; mas declaro, que quando se tratar da analyse dos projectos da commissão e do governo, me comprometto a provar que as doutrinas do relatorio da maioria da commissão são a refutação mais completa das conclusões do projecto. Examinaremos então mais de perto os principios que se estabelecem, e as deducções que se tiraram. D'aqui até lá abster-me-hei de fallar, mesmo porque muitos srs. deputados têm a palavra, e o farão melhor do que eu, tratando a questão no seu verdadeiro campo. Agradeço á camara a sua indulgencia, e vou terminar, não querendo mesmo recorrer a meios artificiaes e oratorios, nem ao sentimentalismo, porque aonde ha uma razão tão clara, não é preciso recorrer ao sentimentalismo; os sentimentos estão no coração de nós todos. Portanto, sem querer fazer peroração sentimental, sem descejar ferir os meus adversarios com as mesmas armas que me apontaram, direi unicamente — que deste lado estão os que entendem que é perigoso entregar no momento actual ás corporações religiosas, que têm todos os privilegios, mais o privilegio do ensino (muitos apoiados). Estas são as minhas idéas; e seguindo as palavras com que terminou o seu discurso o sr. dr. Beirão, direi com elle — que tenho sinceramente no coração e na boca a religião de nossos paes, o Deus de nossos maiores, mas tambem do nosso tempo (muitos apoiados). — Vozes: — Muito bem, muito bem.)

(O orador foi cumprimentado por muitos srs. deputados.)

(O sr. ministro da marinha não reviu este discurso.)

Principiamos a publicar o discurso do sr. Claudio José Nunes, proferido na camara electiva em sessão de 14 do corrente, sobre a liberdade do ensino.

O sr. Claudio José Nunes: — Sr. presidente, é difficil a minha posição. Compete-me fallar em seguida a um orador tão profundo philosopho como habil politico, qual o illustre deputado que já têm tomado parte n'este debate, é o ter o illustre deputado por Coimbra negado por varias vezes que esta questão seja politica, ao passo que o relatorio diz expressamente que o é. Não necessario repetir o texto, porque toda a camara sabe perfeitamente que no trabalho do illustre relator da commissão se dá a este debate essa exclusiva significação. (Houve um á parte que se não ouviu.) A differença está talvez em que entendemos a politica de um modo distincto. Para uns a politica consiste em salvaguardar as instituições do paiz; para outro poderá consistir na influencia transitoria d'esta ou d'aquella parcialidade, ou em fazer substituir uns homens por outros homens (apoiados).

A questão é unica e exclusivamente politica, e é unica e exclusivamente politica não só entre nós, mas em toda a Europa, aonde ella se acha dominando todas as lutas.
Para que se conheça bem a questão neste seculo, e qual a ideia d'onde ella brota, lembrem-nos de como começou, de como tem progredido e da altura em que hoje se encontra. Depois da restauração da familia dos Bourbons em França, o partido ultra-conservador, cujas velhas theorias de absolutismo haviam cahido em geral descredito pela infiltração das idéas de liberdade e de progresso nas mais abundantes camadas da sociedade, lembrou-se de procurar a base politica que lhe faltava, o affecto do povo, no elemento clerical, e, por elle e com elle, nas classes privilegiadas. Aproveitou-se para esse fim uma sociedade que já existia organizada desde os ultimos annos do imperio, e pretendeu-se dar-lhe o desenvolvimento necessario, a fim de que servisse de alavanca para multiplicar as forças do partido reaccionario, que voltara da emigração sem ser olvidado e sem ter aprendido. Com a subida ao throno de Carlos X, um de seus mais fervorosos adeptos, aquella especie de magonaria fradesca predominou na governação do estado, até que o anno de 1830, data que talvez já não seja gloriosa para quem desta casa, viu quebrar-se contra as barricadas de julho a soberba da reacção politica, cuja ultima ousadia foram as celebres ordenanças que toda a camara conhece. Durante o reinado de Luiz Philippe seguiu a reacção clerical com varia fortuna, mas quando depois o actual imperador dos francezes quiz passar da cadeira da presidencia para o throno do imperio, acompanhado de instituições novas na letra e no espirito, achou-a logo ás ordens de sua vontade, e prompta a queimar incensos diante do que hoje é Herodes III, só porque se tem lembrado de ajudar a dar uma patria a quem só antes tinha uma *expressão geographica*.

Desde aquelle tempo a reacção organizou-se em toda a parte, e para vermos o que é essa reacção chamada *religiosa*, mas a que eu chamo e chamarei unicamente *clerical*, e protesto novamente contra o emprego do adjectivo *religiosa*, em assumptos d'esta ordem (apoiados), basta lançar alguns desassombrosos e desprevenidos sobre o que se está passando em toda a Europa.
Se olharmos para a Belgica vemos a reacção clerical posta ao serviço da reacção politica, em todas as suas lutas contra a liberdade, qual quer que seja a manifestação d'esta. Ainda ha poucos mezes na questão dos *octrois*, o partido clerical votou contra, talvez porque achasse perigoso adoptar uma lei, que, até certo ponto, derivava de algumas applicações do principio que aquella detesta. Vemo-la maldizendo da imprensa e vemo-la, assim como tinha monopolizado o ensino, tentar monopolisar a beneficencia, triumpho que não pôde obter, porque a indignação popular a fez recuar nas praças publicas. Cedeu então, porque a obrigaram a ceder, mas cada dia se deita á brecha com maior animo e mais desafogada valentia.

Se olharmos para a França, vemos a reacção clerical ao serviço da reacção politica, dando-se o eloquente espectáculo de vermos nas ultimas sessões do senado francez, mrs. de la Rochejaquequin e de Segur de Aguesseau, accusar de brando o systema seguido em França a respeito da imprensa, systema que supprime os jornaes administrativamente, e pedir ainda meios mais represivos da liberdade de manifestação de pensamento. Este exemplo basta; não é necessario apresentar mais outros documentos.
Se olharmos para a Hespanha vemos a reacção clerical igualmente posta ao serviço da reacção politica, consentindo ambas que o dragão da censura previa salteie a imprensa de dentro da cela de uma freira tristemente celebre.
Se olharmos para Alemanha, vemos na Austria o código do absolutismo theocratico, escripto nas paginas da concordata pela mão dos velhos apóstolos da politica de resistencia; vemos na Prussia, por occasião das ultimas eleições, o partido clerical das provincias rhenanas, perfitar ao lado do feudalismo da Pomerania e da Silesia, e quando as universidades protestavam contra uma circular ministerial, a camara sabe quaes foram os unicos professores que não se associaram ao pensamento liberal de seus collegas.
Se olharmos para um ponto da Italia central, vemos... o que todos sabem melhor do que eu.

Já se vê que as duas reacções andam sempre unidas (apoiados). A reacção clerical pre-

ten-

de enthronar-se no nosso paiz, legalizando o estado de cousas que ali existe com relação ao ensino das corporações religiosas, isto é, tornando direito o que hoje é facto apenas, e se conseguir fazer passar para as opiniões do parlamento o que anda nas opiniões da illustre commissão, os illustres deputados que assignaram este parecer, hão de vir necessariamente, mais tarde ou mais cedo, queiram ou não queiram, pela logica inevitavel dos factos, a tornar-se os caudillos ou socios de certas idéas politicas. Se querem um exemplo frisante, olhem para a Hespanha e vejam o que está acontecendo aos homens que constituem o partido chamado da *união liberal*. Este partido é composto de alguns antigos ex carlistas, maioria do partido moderado, e de uma porção notavel de antigos progressistas. Estes progressistas na imprensa defendem todas as theorias do partido que dizem ter, e accumulam, uns sobre outros, juramentos de dedicação a todas as liberdades; mas no conselho, no gabinete, no parlamento, quando se trata de fazer governo pratico, acham absolvição para todas as arbitrariedades. O garrote de Loja é absolvido em nome da justiça; os *autos de fé* de Barcelona e Malaga em nome da jurisdicção ecclesiastica; os processos inquisitoriaes de Granada em nome... eu sei... da liberdade de consciencia; e a perseguição á imprensa em nome da moralidade. Outro tanto virá a acontecer entre nós, se não está já acontecendo. Liberaes! Sempre liberaes! E comtudo, quando chegam a actos effectivos, adeus crenças e adeus liberdade.

O sr. Casal Ribeiro: — Apoiado.
O Orador: — O illustre deputado apoiou-me ironicamente; mas permitta-me s. ex.^a que lhe diga, com o sentimento na alma, que o primeiro passo n'aquelle deploravel caminho já foi dado por s. ex.^a; não sabe que uma das grandes manifestações da reacção politico-clerical é a sua hostilidade á unidade da Italia? D'essa Italia que por tantos annos gemeu esmagada entre os dentes da tenaz de ferro, chamada a influencia austriaca? D'essa Italia onde se não pôde pizar um palmo de terra sem pizar cinzas de heroes e de martyres? Da qual Virgilio prophetizou que, nas eras futuras o lavrador, rasgando o solo com o ferro do seu arado, pararia absorto em admiração ao contemplar as ossadas gigantes que sairiam dos sepulchros arrombados? Não vimos nós aqui a opposição votar em corpo uma moção em que se pedia á camara que saudasse a aclamação parlamentar do reino de Italia? E que vemos hoje? (Apoiados.)

O sr. Coelho de Carvalho: — E a maioria?

O Orador: — Peço perdão. Eu nada tenho com a maioria; não me importa o que ella fez e o que faz; com o que tenho tudo é com as doutrinas, com os interesses do meu paiz e dos electores que me fazem a honra d'aqui me mandar. Apresentem os srs. ministros doutrinas boas, voto-lhas; apresentem nas mas, rejicito-as. E tanto isto é assim, que n'essa occasião eu, que votava quasi sempre com o governo, fui o proprio que, em companhia do sr. Antonio de Serpa, renovei aquella moção e por ella votei depois.

Mas, como ia dizendo, nessa occasião toda a opposição se levantou pela manifestação a favor da unidade italiana, e a sua imprensa acompanhou-a. E hoje? Hoje na bocca do mesmo relator da commissão, que é o interprete official da opposição, já a revolução de Napoles passou a invasão de estrangeiros; são estrangeiros até os 12:000 sicilianos que com os 1:000 de Marsala foram sentar uma dynastia italiana sobre esse throno das Duas Sicilias jogado ha seculos como péla de mãos francezas para mãos hespanholas, de mãos hespanholas para mãos allemãs (apoiados), e a imprensa da opposição applaude já esta deploravel mudança! Começa a logica dos factos: onde acabará ella?

Como já disse, sinto que não esteja presente o sr. J. Maria de Abreu, porque queria dirigir-me a s. ex.^a, particularmente com respeito a algumas das considerações que apresentou.
Mas, como s. ex.^a não está presente, peço licença ao illustre relator da commissão e aos seus collegas, para lhes dizer — que me parece que tem havido o que quer que seja de sophistico nesta confusão que se quer fazer entre o clero secular e o clero regular, entre a theoria da liberdade de ensino e a sua applicação.
Sr. presidente, qual de nós, os que impugnamos o parecer, deseja arredar do magisterio o clero secular? (Apoiados.) Nenhum (apoiados). O poder tem e deve ter a mesma faculdade de ensinar que outro qualquer cidadão. Ninguém lh'a contesta (apoiados). Pois não ha tantos sacerdotes dignos e illustrados que possam desempenhar os deveres de bons mestres? O que nós negamos, nós os que distinguimos o padre do frade, isto é, o que tem consciencia e responsabilidade de suas acções perante ella, do que deixou a vontade abysmar-se nos sorvedouros da obediencia incondicional, é que o individuo pertencente a corporações religiosas com certas regras e estatutos, possa fazer do ensino, como em toda a parte faz, uma arma de guerra contra as nossas instituições (apoiados).

No segundo ponto, como theoria, posso approximar-me das opiniões dos illustres deputados; mas os illustres deputados sabem perfeitamente que assim como ha a theoria da liberdade do ensino, ha a da liberdade do commercio, e da liberdade de imprensa, e que nas applicações de cada uma d'ellas á pratica ha sensiveis divergencias.
O sr. Casal Ribeiro mostra nos, como exemplo, a liberdade de ensino até ao ponto em que é praticada por varios paizes da Europa; nós podemos tambem mostrar a muitos d'esses paizes,

de

tomo exemplo, as nossas leis de liberdade de imprensa (apoiados).

Os illustres deputados que assignaram o parecer, habeis como são, têm fugido do terreno pratico para o campo das especulações philosophicas. Mas é o seu proprio projecto que os chama á realidade, e que obrigando-os a formular disposições de lei, depois de phrases de relatório, os condemna, sem appellação, perante a opinião imparcial, como manifestamente contradictorios.

Começaram por estabelecer e aceitar uma reserva á theoria da liberdade do ensino, armar-n'a com todos os argumentos do seu arsenal oratorio, e acabaram prohibindo o ensino das corporações religiosas nos estabelecimentos do estado (apoiados) dos districtos e dos municipios (apoiados).

Ora, francamente, sabem o effeito que isto me fez?

De uma commissão que tendo de apresentar uma reforma de alfandegas, depois de invocar o principio da liberdade de commercio, para um assumpto que era já uma restricção d'essa liberdade, e de levantar uma contribuição pesadissima de citações dos livros mais exaltados *free-traders*, propozesse uma lei n'estes termos:

«Artigo 1.º Todos poderão commerciar livremente, com excepção dos que não tiverem licença do estado!» (Apoiados).

Outra cousa não quer dizer o diploma de capacidade, cuja utilidade adopta a commissão, e cuja concessão a lei confia ao poder executivo.

Ora para chegar a este resultado não valia a pena de fallar tanto de liberdade de ensino. O que nós todos discutimos, pelo contrario, é a restricção. Vós dizeis — que nós restringimos a applicação de um bom principio não permitindo que a amplieis —; nós respondemos — que vós desejaes a ampliação d'esse principio para usar d'ella a favor de premeditadas restricções politicas (apoiados).

(Interrupção que não se percebeu).

A liberdade absoluta de ensino não pôde admitir-se em quanto o magisterio for considerado como uma função publica (apoiados), por este simples facto cáe debaixo da fiscalisação dos poderes do estado.

O governo, é verdade, prohibe o ensino das corporações religiosas, tanto publico como particular, mas não invoca o principio da liberdade de ensino que vós invocaes a cada passo. O governo chega até onde o permitem os grandes interesses sociaes que lhe cumpre manter, os illustres deputados chegam até onde o exigem as influencias que desejam cotejar (apoiados).

Diz a commissão que adopta o typo definido na lei franceza e no regulamento italiano — verificar se são preenchidas as condições da hygiene e da moralidade, e se no ensino ha alguma cousa contraria á constituição e ás leis — e que á vista dessa arma que põe na mão do governo, não comprehende como se possa tener o ensino particular das corporações religiosas.

Em primeiro lugar tenho a observar que, por mais rija que seja a tempera dessa arma, não vejo como ella possa ferir mais certa de longe que de perto. Se a commissão dá como garantia a efficacia da inspecção do estado, para que admitta só as irmãs de caridade nos estabelecimentos que estão fóra da influencia directa do estado? (Apoiados). Depois, sr. presidente, o que é essa inspecção que nos promettem? Será a inspecção dos compendios, dos methodos de ensino, do bem-estar material? Mas o perigo não está ali, está na conquista dos espiritos infantis por idéas que os preparem a tornar-se elementos do poder reaccionario (apoiados).

Como quer o illustre relator da commissão fiscalisar esses segredos que vão passando de ouvido em ouvido? Essa influencia moral da mestra sobre a discipula? Essa tradição historica de uma corporação? Como quer fiscalisar o que é impossivel? O que é invisivel?

Quer a camara ver sobre que recáe essa prometida fiscalisação? Sobre um poder o bispo de Hermapolis, o ministro da instrução publica de um dos mais reaccionarios gabinetes de Carlos X, pinta assim:

«... talvez que este espirito de preponderancia e de invasão do clero se encontre em certas influencias secretas, em não sei que *clubs* mysteriosos e mysticos, em uma especie de governo occulto, que não se vê mas que está em toda a parte; n'uma palavra, senhores, fallando claro, na congregação.»

E sabe a camara o que é a congregação? É ainda o prelado francez quem o diz: «... S. Vicente de Paulo fundou não só as irmãs de caridade, como tambem uma associação de padres com o nome de congregação das padres da missão...» Creio que são os vulgarmente chamados = lazarisas =.

A camara avaliará como entender o que acaba de ouvir.

Como disse ha pouco eu partilho até certo ponto as opiniões theoricas da illustre commissão, mas agora em que discordo completamente é em deixar de considerar a liberdade absoluta do culto, como correlação da liberdade absoluta do ensino (apoiados). O illustre relator da commissão, discorrendo aliás proficientemente sobre este ponto, tratou unicamente de considerar a liberdade de ensinar, e esqueceu-se da sua consequencia que é a liberdade de ser ensinado; uma não pôde existir sem a outra, e para a ultima, largamente concedida, é indispensavel a liberdade de cultos, em grande latitude (apoiados). Para o illustre deputado ser logico, quando no seu relatório fallou em liberdade de ensino, devia ao

mesmo tempo pedir a revogação do artigo 6.º da carta, e propor a liberdade complementar d'aquella que tantas afeições lhe merecia (apoiados). Em sentido mesmo mais restricto cada passo dado no caminho da liberdade de ensino pede outro passo na liberdade do culto (apoiados).

Muito de proposito tenho fallado em liberdade de consciencia. Não distingo bem a divorsoria entre ambas (apoiados).

Se se entende por liberdade de consciencia o trabalho do espirito humano no seu fóro intimo, para essa não ha favores nem repressão, porque não ha forças no mundo que a possam dominar (apoiados repetidos). Essa fica fóra da questão, onde nunca pôde entrar porque nunca saiu da alma do homem (repetidos apoiados).

Se se entende porém por liberdade de consciencia a que tem de manifestar-se na escolha do culto, debaixo da fórma externa; a liberdade que é a unica para a qual legislam os codigos do mundo, apenas haja uma prohibição qualquer para aquella fórma, que inhabilite o cidadão de grande parte dos seus direitos ou que o exponha abandonado á pressão da religião do estado em todos os transe da vida politica, civil e domestica; essa liberdade poderá ser a liberdade da hypocrisia e do prejuizo, ou a liberdade de um verdadeiro desterro, mas nunca a liberdade de consciencia n'um sentido effectivo (apoiados. — Vozes: — Muito bem.)

Desejarei que o grande talento do illustre relator da commissão possa contradizer-me este raciocinio. Terei muito prazer em me dar por convencido de que estou em erro, pois a camara sabe a lisura de opiniões com que debato esta grave materia (apoiados).

Mas o que nós discutimos é um ponto muito mais simples; não controvertemos uma these de escola, mas simplesmente uma questão pratica de maiores ou menores restricções, como já disse. Reduz-se a isto:

Poderá haver perigo em entregar a mocidade ao ensino das congregações religiosas affectas a certas idéas politicas? Terão as corporações religiosas o direito de ensinar até ao ponto em que o garante a lei commum?

O meu amigo, o sr. Casal Ribeiro, responde — não — á primeira pergunta, e — sim — á immediata, exclamando no final do seu relatório triumphantemente: «Lei igual para todos.»

Tambem eu digo — lei igual para todos; mas para todos os que têm iguaes obrigações (apoiados). O contrario não será a desigualdade? Agora pergunto eu — entende o illustre relator da commissão, que os membros de uma congregação religiosa regular, aliás em igualdade de muitas outras circunstancias com os seus concidadãos, gosam forçosamente, segundo essa carta que invocam, de todos os direitos destes, até do proprio clero secular?

Peço licença para citar uma disposição em contrario da carta; porque nós não estamos aqui tratando de uma materia religiosa, mas de uma materia puramente civil (apoiados); e é nesta materia puramente civil que a carta estabelece uma grande differença entre os membros do clero regular e os do secular. O clero secular pôde exercer um direito que se nega ao clero regular.

O artigo 65.º da carta diz: «§ 1.º São excluidos de votar nas assembleias paroquiaes: os menores de vinte e cinco annos, nos quaes se não comprehendem os casados e officiaes militares que forem maiores de vinte e um annos, os bachareis formados e *clerigos de ordens sacras*.»

Depois, abaixo, continuando na exclusão: «§ 4.º Os religiosos e quaesquer que vivam em comunidade claustral.»

Eis-aqui o que diz a carta que o sr. Casal Ribeiro invoca com tantas instancias (apoiados).

A commissão consultou todas as bibliothecas e auctoridades para nos fallar na inspecção da hygiene e dos compendios; desses compendios que, segundo a candida observação do illustre deputado por Coimbra, mostram claramente que a escola primaria está longe de poder influir nas opiniões futuras dos discipulos! Não seria bom que ss. ex.ªs consultassem tambem as paginas da historia contemporanea, para apreciarem esta questão na sua verdadeira luz? (Muitos apoiados).

Sr. presidente, alguma cousa fez a commissão neste sentido, mas a luz apagou-se no meio do caminho, deixando os illustres deputados nas trevas da contradicção.

Ou o ensino das corporações religiosas é bom ou o ensino é mau; ou a fiscalisação é seria ou não; repito, se o ensino é bom, se a fiscalisação é seria, porque exeluem aquellas dos estabelecimentos do estado? Se o ensino é mau, se a fiscalisação não pôde tornar-se effectiva, para que as admittem nos asylos particulares? (apoiados). De sorte que a liberdade de ensino, que para os illustres deputados é um principio benefico, torna-se no seu projecto uma especie de pyrilampo (riso). Estrella no ar, insecto na mão; insecto que, se dá luz, não dá chamma nem calor (riso).

No meio da poesia, com que o illustre relator da commissão quiz dourar o seu bello trabalho e o seu brilhante discurso, vem o sr. José Maria de Abreu, e chama ás escolas civis uma especulação industrial sujeita ás leis da concorrência. Muito bem, por isso as quero, e rejeito as que tendem ao goso de um monopolio (apoiados); porque, lembre-se o illustre deputado, trinta annos depois da entrada dos jesuitas em Portugal, já elles pediam, segundo o proprio documento que se ex.ª leu á camara, o exclusivo do ensino publico! (Apoiados).

Ora, uma das cousas que já me causam alguma desconfiança, é a accusação de incapazes

que hontem se fez ás auctoridades administrativas mandadas fiscalisar o ensino (apoiados). E eu sinto muito que o illustre deputado, o sr. J. Maria de Abreu, não esteja presente, porque lhe queria perguntar quem deve substitui-las naquella syndicancia (apoiados).

Sr. presidente, para nós avaliarmos bem a materia de que se trata, é necessario primeiro que respondamos categoricamente a esta pergunta: existe ou não entre nós um principio de reacção clerical? O illustre deputado, o sr. J. Maria de Abreu, sustentou hontem — não; e deu como rasão da sua negativa o não ver a existencia d'ella nas opiniões de homens d'estado. Homens d'estado! Já outro dia aqui o meu bom e nobre amigo, o sr. José Estevão, perguntou o que era homem d'estado? Se era d'estado de solteiro ou de viuvo? (Riso.) Talvez seja outra cousa; desse estado que dá o nome aos coches que vão vasillos nos enterros solemnes, e ás salas que estão fechadas quasi toda a roda do anno, cheirando a bafio e creando cogumellos no tecto das paredes (riso).

No relatório e no discurso do sr. Casal Ribeiro, sustenta-se igualmente — que não ha reacção, que ella é um phantasma, um sonho de imaginações escandecidas. Ora, uma vez que se pede o testemunho e a opinião de homens d'estado acerca de existencia da reacção, e contra ella, eu vou apresentar á camara esse testemunho e essa opinião, principiando por ler a seguinte proposta já apresentada n'esta camara, em 1859, pelo sr. José Estevão e outros srs. deputados.

«A camara, reconhecendo que o exercicio de direito de petição é livre para todos os partidos e opiniões, convida o governo á attender aos principios liberaes inaugurados pela restauração das leis que os consignam, e oppondo-se com firmeza ás demasias e abusos de influencia de que lquer especie de reacção religiosa que os tente invadir e prejudicar.»

Esta proposta foi approvada em votação nominal por 88 votos contra 7. Entre os cavalheiros que a approvaram, encontro os nomes dos srs. A. R. Sampaio, Serpa, barão das Lages, Bivar, Mártens Ferrão, Camara Leme, Freitas Branco, etc., etc.

Mas que é isto, senhores! Pois então em 1859 existia a reacção clerical, segundo o vosso proprio depoimento; pelieis contra ella providencias, e hoje desapareceu? (Apoiados — Vozes: Muito bem.) (Continua)

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Beira Baixa 22 de maio de 1862.

É muito para admirar, que alguns individuos subam ás columnas da imprensa, só para ferir a verdade, estygmatisando o procedimento d'uns, e louvando, com astuciosa logica, os erros d'outros. A imprensa não deve ser (e nem é) um theatro onde cada um vem, como quer, desabafar as suas paixões; a imprensa deve respeitar-se, e só a verdade deverá traduzir-se nas suas columnas.

Não devemos levantar o manto da censura dos hombros d'um individuo, e ajustal o nos hombros d'outro, sem a previa analyse dos factos; porem é isto o que desgraçadamente temos presenciado.

Avante.

Alguem levantou a voz nas columnas da imprensa, com o simples intuito de rediculisar os lavradores dos concelhos d'Oliveira dos Frades, e Sever do Vouga, arguindo-os de serem a causa dos movimentos militares, pela falta de trabalhadores para o importante serviço d'agricultura, a quem não dão um salario correspondente, ao que lhe é permitido, no estabelecimento das minas do Braçal.

É sem duvida, infundada esta censura, e quem progrediu em tal desabafo, fallou á verdade mostrando o pouco ou nenhum conhecimento que tem das minas dos Braçal; formoso estabelecimento e um dos melhores ornamentos da Beira Alta.

Porem os vizinhos e os proprios empregados são testemunhas habilitadissimas para defender a verdade que vimos annunciar ao cam.º da imprensa; não devemos dormir silenciosos, quando o inimigo nos bate á porta, mas devemos despertar do somno, quando a sua linguagem, vae d'encontro ao bem estar dos povos, censurando-os immediatamente. Eis o facto.

No estabelecimento das minas do Braçal, são tão excessivos os salarios dos trabalhadores, que apenas ganham, um mineiro 160 a 200 rs. os rapazes 30 a 50 rs., os trabalhadores 80 a 120 rs., e tudo a secco, (salvas algumas raras excepções) e os operarios d'algunha arte mais elevada.

Ora em abono da verdade, sou obrigado a dizer-lhe, dando um proprietario — 160, ou 200 rs. a um serrador, 80 rs. a um trabalhador e de comer, pergunto qual dos dois pagará melhor? o lavrador, ou o estabelecimento das minas do Braçal?

Prouvera a Deus que todas as arguições tivessem a verdade por guia, porque não teriamos a lamentar tantos e tão repetidos precipicios.

Sendo, pois, veridica esta narração, como a experiencia nos tem demonstrado procedendo á analyse de taes factos; porque titulo foram os ricos proprietarios de Sever do Vouga, e Oliveira dos Frades, tão asperamente censurados de serem a causa dos movimentos militares? Quando se levantassem furiosos contra as minas do sr. Mathias? Quando pediram a tropa, e o castigo? Nunca.

Dormiam socegados, porque o remorso não os acordava, nunca esperaram pelo castigo, por

que o não mereciam, e nunca se persuadiram de que alguém tremesse assustado, diante das vozes de meia duzia de homens, fortes talvez na palavra, mas preguiçosos nas obras, vozes que poderiam causar tamanho ruido, com damnificação d'esses dois concelhos.

Demais, os trabalhadores empregados naquella estabelecimento, não podiam, e nem podiam prestar grande utilidade aos lavradores, porque muitos delles ignoram os serviços d'agricultura; não sabem sachar nem podar, nem o mais que é proprio della; e nem só no anno de 62, faltaram jornaleiros para o serviço d'agricultura, tambem nos annos antecedentes, já era sensível essa falta; e muitos dos empregados, naquella estabelecimento, vieram de longe procurando o como um asylo sagrado.

Por consequencia, julgo ter demonstrado o erro, em que laborou o accusador dos proprietarios de Sever do Vouga, e Oliveira dos Frades, e até posso provar-lhe a verdade que deixo escripta, pelas assignaturas dos proprios empregados, naquella estabelecimento.

Logo a censura não tem logar, e os habitantes dos dois concelhos são quem são.

Continuem as minas, a quem desejamos um futuro esperangoso, largos dias d'existencia, segurança para o sr. Mathias, e uma paz prolongada para os dois concelhos, que gemeram angustiados lamentando a sua desventura.

Pax omnibus habitantibus in eis.

EXTERIOR

Madrid, 22, ás 11 horas e 20 minutos da noite — Napoles, 21 — El-rei Victor Manoel e o principe Napoleão partiram já.

Foi impedida a manifestação a favor de Garibaldi.

Apesar da occupação de Orleans, o sul resolveu oppôr energica defeza.

Dos jornaes recebidos hontem copiamos os seguintes telegrammas:

—Do «Contemporaneo»:

«Pariz, 21. — As noticias de Veracruz, de 24, annunciam que os francezes se haviam apoderado de um pequeno forte.

Entre os motivos que levavam a França a começar as hostilidades, conta-se o assassinato de muitos soldados francezes.

Foram interceptadas as provisões pelos mexicanos.

Almonte publicou uma proclamação.

Muitos habitantes se declararam em favor de Almonte.»

«Cassell, 20. — Foi rejeitado o ultimatum da Prussia, e romperam-se as relações diplomaticas.»

«Londres, 20. — As noticias de Nova-York de 10 dizem que ficou aberto á circulação o caminho de Orleans a Memphis.

Foram distruidos muitos depositos de algodão.

Foi tomado o forte Jackson.

Vinte mil federaes occupavam Westport.

Os confederados passaram o rio James, mas achavam-se faltos de provisões.»

—Da «Correspondencia»:

Napoles 21. — Foi reprimida uma manifestação garibaldina.

O rei o principe Napoleão partiram d'esta cidade.»

«Paris 22: — O «Constitutionnel» diz que, apesar de terem os federaes occupado Nova Orleans, os separatistas estão resolvidos a defender-se com energia.»

«Londres 21. — O «Times» de hoje publica um novo artigo acerca da questão do Mexico, em que examina as intenções que se attribuem á França na expedição. A folha citada deseja a esta potencia um exito feliz, quer a França queira conquistar o paiz para si, quer tenha em vista a aclamação do principe Maximiliano.

O «Morning Post» sente que a França intervenha no interior do Mexico, e espera que, reconhecendo os inconvenientes da expedição, aquella potencia retire as suas tropas do interior do paiz.»

«Turin 20. — rei retira-se hoje de Napoles.

A linha do lago de Garda está occupada militarmente pelas tropas austriacas.

Uma ordem do dia lembra aos caçadores que se portem com bravura, accrescentando que o caminho de Milão está aberto ao exercito austriaco, pela revolução que acaba de ter logar em Bergamo e Brescia.»

«Vienna 20. — Os montenegrinos tamaran Niksich no dia 16. Derwich-pachá poz-se em marcha para libertar a tortaleza.»

«Napoles 26. — A esquadra franceza partiu para a Argelia.

O almirante Regault fica com dois navios em Napoles.

O principe Napoleão é victoriado nos theatros.

Foram presos alguns sacerdotes, e entre elles monsenhor Tipaldi.»

«Marselha 20. — Chegou o general Goyon, sendo substituido em Roma pelo general Hugues.»

«Turin 21. — Foi recolhido o «Dritto» por conter uma manifestação da associação emancipadora relativa aos acontecimentos de Brescia.

A «Gazeta official» declara que a guarda da cadeia de Brescia, composta de oito homens só fez fogo quando os grupos, depois de arrombarem uma porta, intentaram desarmar os soldados. O governo repelle o ultraje contra os

soldados que contém o protesto de Garibaldi inserto no «Diritto.»

NOTICIARIO

Elles a quererem!.. — Na quarta-feira percorreram a rua de S. Paulo tres homens acavallo dando vivas á *Maria Bernarda*, em altos gritos. Alguns moradores d'aquella rua parecendo-lhe ver já no sequito d'elles a *bernarda* em que ali se falla, fecharam as suas portas.

Consta-nos que eram uns compradores de arroz das *visinhanças d'Oliveira d'Azemeis*, e que pela estrada d'Esgueira, por onde seguiram, iam dizendo ao povo que encontravam, que dentro de quatro dias aqui estariam para fazer a revolta.

A autoridade soube d'isto? Tanto, provavelmente, como de certos conventiculos que ali se tem feito.

Fogo. — Ant'hontem pegou fogo na chaminé da casa do sr. José Antonio Rezende, na Costeira.

Não se communicou á casa, terminando dentro em pouco. Infelizmente um desgraçado incidente ia fazendo victima um nosso amigo que ali acudiu, caindo-lhe em cima da cabeça um caneco, que lhe fez uma grande solução de continuidade.

Ainda bem que intereçou só os tegomentos, sendo por isso de nenhuma gravidade o ferimento.

Chegada. — Hontem (29) pelas 7 horas da tarde chegou a esta cidade o sr. D. Euzebio Page, engenheiro em chefe do caminho de ferro.

S. ex.^a vinha acompanhado de todos os empregados desta secção do caminho de ferro, e de mais algumas pessoas particulares.

Foi hospedar-se para casa do sr. Mendes Leite.

Subscrição patriótica e caridosa. — Debaxo deste titulo escreve o *Jornal do Commercio* a seguinte noticia:

«Como os leitores verão pela correspondencia abaixo publicada, alguns cidadãos, para mostrarem ao sr. José Estevão quanto lhes agradou o popularissimo e eloquente discurso que hontem e hoje pronunciou na camara dos deputados, contra a reacção, abriram uma subscrição entre si, a fim de socorrerem algumas familias desvalidas, e juntamente o asylo de Santa Catharina.

Assim estes cidadãos patenteiam o seu entusiasmo patriótico, pelo modo mais nobre. Abrem as suas bolsas para acudir aos infelizes, para matar a fome a alguns desgraçados. E' um acto christão. Assim respondem *estes impios* ás vociferações dos racionarios.»

Srs. redactores. — Os cidadãos abaixo assignados, desejando patentear solemnemente a sua gratidão patriótica ao eloquente e popular orador o sr. José Estevão Coelho de Magalhães, pelo discurso anti-lazarista, anti-reaccionario, christão, nacionalissimo, democratico, que hoje concluiu na camara electiva, rogam a v. se dignem receber a quantia de cincoenta mil réis, destinada, metade para o asylo de Santa Catharina e metade para ser distribuida pelas familias necessitadas que são habitualmente soccorridas por essa redacção.

De v., etc.

(Seguem-se as assignaturas.)

Navio em construcção — Tivemos occasião de ver ha dias no Porto, um navio, que se anda construindo no estaleiro do Ouro, propriedade dos srs. Soares & Irmãos, negociantes da praça daquella cidade, que é talvez o maior barco que ha muitos annos se tem construido nos estaleiros daquella cidade. As suas dimensões são as seguintes: de quilha limpa 205 palmos; de bocca 48 palmos e de pontal 24 palmos e seis polegadas. Calculam-lhe 800 toneladas de lotação. Destina-se á carreira do Brasil.

O mestre constructor deste navio é o sr. Manoel da Costa Bahia, que não sendo conhecido por construcções deste genero foi encarregado pelos srs. Soares & Irmãos de dar o risco do navio, e depois de o construir. Muitos negociantes estrangeiros que os srs. Soares & Irmãos, entregassem uma obra tal ao sr. Bahia, mas esta estranheza mudou-se em elogios ao constructor, depois que viram a bonita forma e o bem lançado do barco.

Seus proprietarios mostraram-se nos muito satisfeitos com o sr. Bahia e asseguraram-nos que não se poupariam a despezas, para que o navio seja acabado com toda a solidez e primor. Esperavam que seria lançado á agua no mez de agosto proximo e talvez que ainda este anno faça a sua primeira viagem para o Rio de Janeiro.

Por ora, este barco tão grande e tão lindo, não está baptizado.

Demonstração. — Debaxo d'esta titulo escreve o *Tribuna Popular* jornal de Coimbra o seguinte:

A chegada do discurso do sr. José Estevão a esta cidade, produziu tal entusiasmo, que muitos cidadãos no primeiro momento d'impressão cotisaram-se para fazer uma manifestação, em honra ao liberal orador, e ao governo. Mas tocados de melhor conselho viram o melindre das circumstancias, e desistiram por si d'aquelle meio para testemunharem o seu affecto aos principios progressistas, e ao amor pela liberdade.

Grande desgraça. — No dia 28 do corrente, no sitio das Devezas, em Villa Nova de Gaia, nos trabalhos de construcção do caminho de ferro procuraram nove raparigas empregadas naquelles trabalhos uma sombra para descansar das suas fadigas. Infelizmente para ellas foi

debaxo d'uma saibreira que as desgraçadas se deitaram.

Um trabalhador que por acaso ali passou avisou-as de que aquella saibreira ameaçava desabar, ao que ellas responderam — que se morressem era uma só vez. — Palavras não eram ditas desaba a saibreira e mata sete destas infelizes, ficando duas gravemente feridas.

Que fatalidade! Eram todas daquellas visinhanças, e de 12 a 14 annos d'idade.

Avallação. — Do *Portuguez* copiamos o seguinte:

«No *Campeão das Provincias* de 24 do corrente lê-se o seguinte:

«Lisboa, 23 de Maio ás 4 horas e 18 minutos da tarde.

«O sr. José Estevão fallou hoje. O seu discurso fez completo fiasco, e foi o enterro de todas as suas glorias parlamentares. Os seus amigos ficaram desapontados, e lograda a expectiva.»

Fiasco completo faz o escriptor cynico do *Campeão*, mentindo desalmadamente. Tem graça ver o *Campeão* a enterrar a gloria parlamentar do sr. José Estevão!

Loteria de Lisboa. — Segundo uma parte telegraphica que ante-hontem á tarde recebeu o sr. Roriz, cambista na cidade do Porto, sabe-se que os numeros que obtiveram premio foram os seguintes:

4379.....	12:000\$000	5601.....	100\$000
1435.....	2:000\$000	2155.....	»
20.....	1:000\$000	508.....	»
1909.....	800\$000	2184.....	»
2694.....	500\$000	1783.....	»
4600.....	300\$000	3222.....	»
5177.....	300\$000	5164.....	»
3950.....	300\$000	124.....	»
2288.....	200\$000	4979.....	»
339.....	»	2620.....	»
3174.....	»	4529.....	»
2222.....	»	3839.....	»
3538.....	100\$000	3422.....	»
5553.....	»	1144.....	»
5686.....	»	2577.....	»
3472.....	»	4320.....	88\$000
717.....	»		

O mesmo senhor vendeu os seguintes premios, parte dos numeros, em cautellas de 500 e 250 reis.

1435.....	2:000\$000	2620.....	100\$000
1909.....	800\$000	3538.....	100\$000

Um bilhete inteiro dividido em quartos, n.º 3950, 300\$000 — e parte do n.º 2:577, 100\$000 — bilhete dividido em oitavos — e meio do n.º 2:155, 100\$000.

Tumultos no Minho. — Hoje não recebemos jornaes do Porto por ter hontem sido dia sanctificado; apenas do *Commercio do Porto* recebemos meia folha, em que encontramos publicadas duas correspondencias de Braga, uma da Povoia de Lanhoso com data de 28 do corrente.

D'estas correspondencias consta que em todo o districto de Braga reinava até áquella data perfeito socego; e o mesmo acontecia nos outros districtos do continente.

Para deixarmos os nossos leitores mais bem informados transcrevemos do mesmo jornal o que se segue:

Tumultos — Segundo as noticias de hoje, (29) no districto de Braga, não houve, novos tumultos, e apenas em alguns pontos se dava ainda certa agitação.

O batalhão de caçadores n.º 9 sahio á meia noite de Villa Nova de Famalicão e devia chegar esta manhã a Braga.

Segundo diz o «Bracharense» a tropa que está em Amares, recebeu, na madrugada de domingo alguns tiros, em Figueiredo, onde estava aquartellada, e voltou por isso para Ferreiros.

Diz que os amotinados que inquietavam Guimarães dispersaram por falta de chefes, porque o Padre José da Lage se escapara logo que pôde, e que o mesmo fizeram os outros, mas que ainda assim os sinos continuavam a dar rebate em algumas freguezias, e que no domingo fora apedrejada em Guimarães a sentinella da cadeia que respondeu com um tiro.

Diz tambem que as 70 bayonetas do 10 que estavam nas Taipas, foram incommodadas na manhã de 27 com alguns tiros disparados de longe por um ou dous populares.

Segundo as noticias que dá o «Viannense», os populares, que no dia 23 romperam fogo contra a tropa que sahio de Guimarães eram commandados por um individuo chamado Gomes.

No districto de Vianna reinava perfeita tranquillidade.

Na grande feira de Ponte do Lima tudo se passou no maior socego, nem havia receio de que fosse alterado.

A força de infantaria 3 que para ali fora policiar a feira, já tinha regressado a Vianna.

Os telegrammas officiaes recebidos em Lisboa no dia 26 annunciam que a ordem publica não tinha sido alterada em nenhum dos districtos do reino.

Um telegramma do governador civil de Braga diz:

«Até ao presente não consta que o socego tenha sido alterado n'este districto, e, na maior parte d'elle, creio que o não será mais.»

O governador civil de Braga participou que apesar de ter sido feito um arrombamento na casa da administração de Ferreiros, não faltam papeis importantes, nem a ordem publica foi alterada, indo, por desnecessaria, ser retirada a força que para ali fora mandada.

O «Bracarense» foi terceira vez querelado pelo ministerio publico por causa dos artigos sobre os tumultos.

Espalhou-se por ali que tinha havido agita-

ção em Santo Thyrsó, mas sabemos que não é verdade. Ali ha perfeito socego.

As noticias officiaes recebidas hontem á noite n'esta cidade dão completo socego no districto de Braga e em todo o reino.»

CORREIO

LISBOA 28 DE MAIO

(Do nosso correspondente.)

Amigos.

Nesta terra, aonde a impressão dos mais notaveis acontecimentos publicos, não costuma durar mais do que tres dias, não se falla ainda em outra cousa senão no admiravel discurso do sr. José Estevão.

Em os ultimos numeros do *Jornal do Commercio*, terão visto, que alguns cidadãos liberaes desta capital, querendo dar um testemunho solemne de sua adhesão ás idéas e principios liberaes e progressistas tão eloquentemente manifestados pelo sr. José Estevão no seu ultimo discurso, e querendo patentear a estima e respeito, que consagram á pessoa do orador; resolveram abrir uma subscrição patriótica em favor do asylo de Santa Catharina e de algumas familias pobres.

A subscrição cresce todos os dias. A lembrança daquelles cidadãos foi a mais delicada condecoração, que podia conferir-se a um homem como José Estevão. Dando a esmola em commemoração do discurso do grande orador, elevam nas benções dos pobres e nos sorrisos das crianças o monumento mais digno do coração e da alma d'aquelle, em quem o amor pelos pobres e pelos filhos do povo, é herança de familia.

Depois destas delicadas manifestações de amor, de respeito e de dedicacão dadas por homens independentes, que nada receberam e nada esperam, em seu proveito particular, do sr. José Estevão, depois dos applausos entusiasticos, com que uma cidade inteira saudou o discurso do primeiro portuguez destas eras, depois do bravo unisono com que a imprensa liberal applaudiu o sr. José Estevão; faz morrer de nojo ler a parte telegraphica, que o sr. Manuel Firmino mandou ao *Campeão das Provincias*.

Se este sr. Manuel Firmino não fosse um pobre homem, se a sua intelligencia o deixasse ver o ridiculo papel que está fazendo em proveito dos velhacos, que o disfructam e que se riem delle, já ha muito que se teria retirado á vida privada, aonde poderia gosar da estima das pessoas de sua casa e dos progressos agricolas, que lhe proporcionaria o seu quintal. — Siga o sr. Manuel Firmino este meu conselho, dado na mais amigavel intenção, e não se lembre nunca mais de pôr o seu nome ao lado do de qualquer caracter publico mediocremente illustrado, que pode chegar a ser o joguete do rapasio desalmado, como o tem sido o *Antonio das Almas* em Coimbra, e o *José Melitão* em Lisboa.

— Parece que o sr. Casal Ribeiro perdeu nas suas ultimas viagens pela Europa a boa educação e trato social, que o tornavam supertavel. S. ex.^a, na sessão de segunda-feira, coadjuvado pelo sr. Pinto d'Araujo, promoveu um escandalo na camara, que não se pode classificar em nenhum dos idiomas conhecidos, senão por um acto de pessima educação.

Estando presente o sr. visconde de Sá, apresentou o sr. Casal Ribeiro uma moção d'ordem, para que a camara se não occupasse da discussão em especial da lei do ensino, sem estar o governo representado por algum dos seus membros!!...

Isto não se commenta. Isto é um insulto grosseirissimo feito a um ancião respeitavel pela sua idade, pelos seus relevantes serviços, pela sua posição, e pela estima e consideração que o paiz lhe consagra e que todos os reis constitucionaes desta nação lhe teem tributado.

A camara castigou a insolencia, e os insolentes, regeitando a moção.

— Mas não se contentou só com isto o sr. Casal Ribeiro. Na sessão de hontem e na de hoje, obtendo a palavra sobre a materia do artigo de lei do ensino, referiu-se ao discurso do sr. José Estevão, e alterando as palavras e deturpando os conceitos apresentado pelo grande orador, accusou-o de blasfemo contra a liberdade e contra a religião!!!

Quando um homem publico com a *filancia* e pertencções d'estadista que tem o sr. Casal Ribeiro, pratica uma acção d'aquellas, voltam-se-lhes as costas, e mede-se-lhe pelo tamanho da figura o grau d'imputação das suas palavras. A camara e as galerias deram iniquivocos signaes de desprezo pela *creaturinha*, que tão vilmente correspondia ao dó e á lealdade com que fora tratado. Creio, que a esta hora em que vos escrevo, estará respondendo ao falso biato, o sr. José Estevão.

— O *Diario* de hoje diz que por noticias telegraphicas recebidas dos diversos governadores civis, consta que ha tranquillidade em todos os districtos do reino.

— S. M. concedeu as honras de official mór da casa real ao conde de Penafiel, Antonio José de Serra Gomes.

— O distincto folhetinista Julio Cesar Machado, parte um destes dias para Londres e d'ali para Pariz. E' de querer, que esta viagem tenha um bom resultado para a nossa litteratura, com a acquisição de algum ou alguns interessantes pomanes, como os que costumam sahir de penna do sympathetic escriptor.

— A questão entre os redactores da *Revolução* e o seu noticiario ainda não está concluida por grande encommodo de saude do ultimo.

— Resomindo-lhes um livrinho publicado pelo sr. Brito Aranha, que tem por titulo *Os*

jesuitas e lazaristas. Este livro está escripto em estylo corrente, sem pertencções litterarias, destinado sómente a fazer conhecer ao povo o que são a sociedade de Loyole e a companhia de Jesus, e qual é a sua nefasta influencia nos paizes que as consentem.

— Creio que lhes posso annunciar a proxima publicação de um livro, que será um dos mais bellos monumentos da nossa litteratura. E' a collecção dos discursos do sr. José Estevão, desde a sua estreia parlamentar até hoje, revistos pelo auctor.

— Vi o *Campeão* de sabbado e em uma local a declaração de que os artigos daquelle jornal que não trazem assignatura são do sr. Villena; portanto, não responderei ao que aquelle sr. me diz em um artigo com o titulo *Os miseraveis*, resposta a outro, que eu escrevi e assignei no *Districto de Aveiro*, senão quando o acaso fizer passar o mesmo sr. ao alcance do bico de uma das minhas botas.

Desforra judicial do jornal difamador tambem não tiro. Reservo-me para o chamar aos tribunaes quando elle tiver a veleidade de me elogiarem. Adeos
Vosso
F. O.

MOVIMENTO DA BARRA Aveiro 27 de Maio Entradas

SUANSEA. Esmena ingleza, «Elizabeth Hill», cap. William Hile, 10 pes. de trip., carvão de pedra.

PORTO. Rasca port., «Correio d'Aveiro», m. J. Simões, 9 pes. de trip., carriz de ferro á empreza Salamanca.

Em 28
CAMINHA. Hiate port. «Cortez», m. A. B., Vianna 5 pes. de trip., milho.

em 29
S. MARTINHO. Hiate port. «Nova União» m. J. F. Mano, 7 pes. de trip., lastro.

Sahidas em 27
OLHÃO. Cahique port. Nova Activa, m. M. Fernandes, 10 pes. de trip., e 4 passageiros, madeira
CEZIMBRA. Cahique port. Senhora da Conceição, m. A. C. Fuzeta, 10 pes. de trip., sal,

Em 28
SUANSEA. Hiate port. «Hermínio» m. J. da C. Biaia, 8 pes. de trip., mineral.

ALICANTE. Hiate port. «Senhora da Guia», m. A. d'Ol. da Velha, 9 pes. trip., madeira.

IDEM. Hiate port. «Oriente», m. A. da C. Pinto, 8 pes. de trip., madeira.

PORTO. Hiate port. Razoilo, m. J. Razoilo, 8 pes. de trip., sal.

IDEM. Hiate port. E' Segredo, m. A. N. Ramizote, 7 pes. de trip., sal.

IDEM. Hiate port. Novo Atrevido, m. M. Marques, 7 pes. de trip., sal.

IDEM. Hiate port. Nova União, m. M. dos S. Chuva, 8 pes. de trip., sal.

IDEM. Hiate port. Correio 2.º, m. J. da Rocha, 7 pes. de trip., sal.

IDEM. Hiate port. Fenix, m. J. Nunes, 7 pes. de trip., sal.

IDEM. Rasca port. Senhora do Pilar, m. S. da S. Marques, 9 pes. de trip., sal.

IDEM. Cahique port. Perola do Vouga, m. M. Vicente, 7 pes. de trip., sal.

IDEM. Rasca port. Patusca, m. J. F. dos Santos, 7 pes. de trip., sal.

ANNUNCIOS

Pelo cartorio do escriptão Nogueira, e a requerimento de João Nunes Cardoso, e mulher D. Maria Albertina da Gama, filha e genro, D. Maria Albertina de Sousa, e Silvestre d'Aguiar Bisarro, moradores na Feira — correm editos por espaço de 30 dias, a contar do dia 26 do corrente, chamando todos os credores certos e incertos, ou pessoas que tenham a deduzir direito sobre o preço depositado de réis 1:800\$000 pela expropriação que a via ferrea do Norte fez na quinta sita na Ribeira de Esgueira, que foi do capitão Albino, chamada tambem a quinta dos Camossas, a qual por bem conhecida se não confronta — venham deduzir seu direito, com a comminação de que se uns, e outros o não deduzirem n'aquelle prazo, serão lançados para nunca mais o poderem fazer, ficando assim livre, e desembargado aquelle preço para ser levantado por quem legitimamente lhe pertencer.

EDITAL

VICENTE AUGUSTO D'ARAÚJO CAMISÃO, Segundo official graduado do thesouro publico, e delegado do mesmo thesouro no districto de Aveiro, por S. M. F. El Rei que Deus guarde.

Faço saber que se acha vago o logar de escriptão de fazenda do concelho de Albergaria a Velha, cujo concelho é da 3.ª classe, e que em vista do § unico do art. 26.º do decreto de 3 de novembro de 1860, teem preferencia a serem promovidos áquelle logar os aspirantes da 1.ª e 2.ª classe da repartição de fazenda deste districto, bem como os escripturarios dos escriptões de fazenda do mesmo, e por isso aquelles que pretenderem o sobredito logar, o poderão requerer dentro do prazo de 15 dias a contar da data de hoje, juntando a seus requerimentos os documentos comprovativos, que tiverem das suas habilitações e antiguidade de serviço.

Aveiro 17 de maio de 1862.

Vicente Augusto d'Araujo Camisão.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.